

# Perfil Sarkozy

*“Je crois d’abord, et avant tout, à la France et aux Français.”*

A França elegeu o seu Presidente da República. O sexto inquilino do palácio do Eliseu nesta V República. Uma figura carismática e polémica, Nicolas Sarkozy é daquelas pessoas que ou se gosta ou se odeia. Para chegar ao poder travou uma luta renhida com Ségolène Royal, candidata do partido socialista francês. Mas quem é verdadeiramente Sarkozy? Quais são as políticas que pretende implementar em França? Qual é a sua resposta para a Europa e para as relações transatlânticas?

Nicolas Sarkozy não foi o candidato típico numas eleições francesas. O pai, de nacionalidade húngara, que imigrou para França após a ocupação de Budapeste pelo exército soviético, tornou-se num reputado publicista francês. A mãe, filha de uma francesa e de um pai grego, descendente de judeus portugueses de Salónica, foi uma conceituada advogada. Com o divórcio dos pais, Sarkozy muda-se para o bairro chique de Neuilly, nos arredores de Paris, onde passará toda a juventude com a mãe e os irmãos.

Após a admissão na ordem dos advogados francesa, Nicolas Sarkozy envolve-se de imediato na política. Aos vinte e oito anos torna-se presidente da câmara de Neuilly após uma coincidência de acontecimentos que o fazem líder local do partido gaulista e, em 1993 o então, Primeiro-Ministro Eduard Balladur nomeia-o Ministro do Orçamento e porta-voz do governo. Em contrapartida, Sarkozy apoiará Balladur em detrimento de Jacques Chirac nas eleições presidenciais de 1995. Sem sucesso.

Após um conjunto de passagens pelos governos Raffarin e Villepin, Sarkozy torna-se o candidato presidencial da União por um Movimento Popular em Janeiro através de um escrutínio em que era o único candidato. As sondagens atribuíam-lhe uma popularidade que o partido correspondeu com aquela nomeação.

O primeiro grande desafio do novo Presidente é a reforma do modelo social francês. O Estado Providência trouxe um conjunto de benefícios sociais mas afundou-se na criação de emprego. A estagnação económica francesa fez com que os melhores quadros emigrassem para o Reino Unido e para os Estados Unidos da América. A taxa de desemprego em Fran-

ça ronda os 21,5% entre a população mais jovem, por outro lado, o peso estatal na economia tem aumentado desde 1995, contra a corrente dos outros países europeus. Para combater esta tendência, o novo Presidente propôs a criação de um contrato de trabalho único para os novos trabalhadores com o objectivo de lhes permitir uma maior maior garantia e uma flexibilidade para as empresas. Por outro lado, prometeu o fim dos impostos em relação ao pagamento de horas extraordinárias. O objectivo de atingir o pleno emprego e baixar a taxa de desemprego para 5% em 2012 será uma tarefa árdua e a aplicação destas medidas dependerá sempre da aceitação social das reformas sociais.

No campo dos subsídios sociais, Nicola Sarkozy apresentou um conjunto de promessas. O melhoramento das condições de vida dos mais pobres e dos mais idosos é um dos objectivos. Contudo, a grande aposta é o denominado incentivo ao retardamento da reforma, encorajando o prolongamento da actividade laboral em simultâneo com a alteração dos regimes especiais com base em princípios de justiça e equidade. A aceitação social destas propostas será diferente. O retardamento da reforma por velhice não é geralmente bem aceite pelos vários países europeus mas a reforma de regimes especiais já não deverá ter a mesma contestação.

No plano europeu, o novo Presidente pretende modificar o sistema de presidência rotativa do Conselho da Europa para cada dois anos e meio. No que respeita ao Tratado Constitucional pretende implementar um texto simplificado e propô-lo ao Parlamento Francês, sem necessidade de referendo nacional. Esta proposta confirma o europeísmo demonstrado pelo novo Presidente. A continuidade da Política Agrícola Comum está em cima da mesa, pretendendo ainda Sarkozy criar uma outra Política Comum no domínio da energia. Estas propostas seguem numa linha adoptada por vários líderes europeus. A criação de uma política energética comum poderá ser uma alternativa à dependência energética dos países europeus face a países terceiros como a Rússia e a Argélia e uma solução para os problemas ambientais. Contudo, Sarkozy opõe-se vivamente à entrada da Turquia na Europa. Se a sua visão se impuser no espectro europeu será interessante analisar como se vão desenvolver as negociações de adesão daquele país à União Europeia.

No campo internacional, a ideia é de dar prioridade ao continente africano. A Presidência de Jacques Chirac saiu mal vista na relação diplomática com países como a Costa do Marfim, por isso parece natural esta preocu-



pação de voltar a atribuir à França as relações privilegiadas que já teve com o continente africano. Por outro lado, Sarkozy é um crítico contundente da política nuclear iraniana e tentou uma aproximação atlântica com os Estados Unidos da América. Esta nova visão estratégica no plano internacional dependerá sempre daquele que ocupar a pasta dos negócios estrangeiros no Palácio de Matignon. Mas não podemos esquecer que estas promessas são contracorrente com o passado e com a opinião pública francesa. Sarkozy tem um grande desafio pela frente porque foi neste campo que a Presidência de Chirac teve uma maior adesão popular.

Nicolas Sarkozy foi severamente acusado, como ministro do interior, de não saber lidar com os imigrantes e de fazer renascer o espectro do racismo em França. Um dos maiores problemas que a França tem de resolver é precisamente a questão dos imigrantes de segunda geração. Com o fim de melhorar a situação daqueles foi proposta a criação de um Ministério da Integração e da Identidade Nacional com o objectivo de regular este problema em cooperação com os países de origem. Todos os imigrantes expulsos do país deixarão de poder pedir um visto de trabalho ou residência durante um período de cinco anos. Por outro lado, pretende atribuir incentivos fiscais a todos aqueles que invistam nos seus países de origem. A imigração tenderá a ser qualitativa e não quantitativa. Resta saber qual será a aceitação destas medidas junto das diversas comunidades emigrantes. É verdade que quando ocupou a pasta da administração interna mostrou uma

certa ingenuidade na forma como se dirigiu àqueles. Não obstante, o número de votos que foi buscar junto dos tradicionais eleitores da extrema-direita francesa, nomeadamente à Frente Nacional de Jean-Marie Le Pen, pode ser considerada como uma aproximação aos bairros mais problemáticos. É que muitos dos eleitores do dirigente da extrema-direita eram habitantes desses bairros. Estará Sarkozy a utilizar uma linguagem típica de uma determinada corrente política?

No campo das ideias, o novo Presidente denunciou o martírio das enfermeiras búlgaras condenadas à morte na Líbia, condenou os massacres no Darfour e, por outro lado, mostrou-se empenhado na crítica constante da violação das liberdades individuais afirmando que “o silêncio é cúmplice”.

A crença na França e nos Franceses foi determinante na campanha presidencial. Esta confiança, o carisma e a vontade em renovar aspectos estruturais da vida francesa foram elementos chave para a chegada de Sarkozy ao Eliseu. Assim, os próximos cinco anos serão determinantes para a vida política dos gauleses. As tão anunciadas reformas serão implementadas? Haverá uma verdadeira rotura com o modelo social francês? Por enquanto ainda é cedo para se apresentarem conclusões. Sarkozy tem o apoio de uma vasta maioria da população francesa, tem carisma e o facto de ser um vencedor nato. A França fica a aguardar por resultados daquele que tanto os prometeu.

\* MESTRANDO DO INSTITUTO DE ESTUDOS POLÍTICOS DA UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA E DO PROGRAMA EUROPEUM



POR JOÃO PEREIRA COUTINHO\*

## Um manual de conservação

Roger Scruton começa a fazer o seu caminho em Portugal. Já não era sem tempo. Tido como um dos mais relevantes intelectuais britânicos de hoje, o mercado português foi ignorando o nome e a obra até que a editora Guerra e Paz desfez o feitiço. Começou com *O Ocidente e o Resto*, uma reflexão sobre o terrorismo contemporâneo que tive o prazer de prefaciá-lo; e continuou com o delicioso *Guia de Filosofia para Pessoas Inteligentes*, um manual temático onde Scruton revisita os problemas centrais do pensamento humano.

Posto isto, espera-se agora que o último livro de Scruton, *A Political Philosophy*, encontre também caminho para a língua lusa. A obra, escrita com a elegância habitual, reúne 11 ensaios que comprovam a tenacidade